

## IDENTIDADES EM DISCURSO: Gritos de negritude nas Américas por Langston Hughes e Oswaldo de Camargo

Kárpio Márcio de Siqueira

Mestrando em Crítica Cultural pela Universidade Estadual da Bahia - UNEB – Campus II – Alagoinhas.  
Professor/coordenador do Curso de Letras com Inglês e Literaturas na UNEB – campus II – Alagoinhas – Bahia e  
professor titular da Faculdade Sete de Setembro- FASETE em Paulo Afonso – Bahia, nas disciplinas de Literatura de  
Língua Inglesa e Norte- Americana.

### RESUMO

O artigo versa sobre a constituição da identidade negra nos discursos poéticos dos autores Langston Hughes e Oswaldo de Camargo, na perspectiva de apontar os desenhos identitários que tanto aquele escritor americano quanto este o brasileiro, construíram na intenção de dialogar nas esferas sociais, políticas, literárias e culturais, dentro do espaço da Negritude como movimento político-estético-literário.

**Palavras-chave:** Negritude. Identidade. Langston Hughes. Oswaldo de Camargo.

### ABSTRACT:

This article talks about the Black identity constitution in Langston Hughes's and Oswaldo de Camargos's poetry discourse, in a perspective of pointing out the identity shapes which both writes have built in the intention of making a social, political, literary and cultural dialogues inside a *Négritude* area as a literary aesthetic and political event.

**Key-words:** Négritude. Identity. Langston Hughes. Oswaldo de Camargo

## INTRODUÇÃO

O tecido textual apresentado versa sobre a presença da negritude nos discursos dos Poetas, o afro-americano, Langston Hughes e o afro-brasileiro, Oswaldo de Camargo, nessa perspectiva cria-se um olhar ao processo de formação da identidade negra no cenário de países colonizados, a pontuar os acima apresentados e ainda as discussões sobre o próprio movimento da Negritude e seu impacto no diálogo poético no século XX, surge, então, um recorte analítico a poesia “ *Democracy*” de Hughes e “ Escolha” de Camargo, como dispositivos discursivos que fortaleceriam a ilustração do trabalho em construção.

### 1 IDENTIDADES EM QUESTÃO

As múltiplas dimensões dos processos identitários e históricos caminharam unilateralmente para a consolidação de um único desenho de identidade nas nações, o da classe dominante. Nesse cenário os aspectos culturais de quaisquer povos, que de maneira subjugadas eram considerados inferiores, foram desenraizados e eliminados dos cenários culturais vigentes. A necessidade de um mascaramento cultural era necessária para uma aceitação sociocultural em meio a esfera social da dominação, nesse diálogo, Fanon aponta que *quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será.* (2008: p. 180).

Abre-se um olhar para a materialização da identidade, num desenho de cor, pele, olhos e cabelos, de hábitos e de recusa da origem em favorecimento ao que se considera puro, nobre, superior e culturalmente adequado e correto. Essa forma, historicamente, instaurou-se nas Américas, e apresentou-se como uma espécie de

*embranquecimento cultural* (FANON, 2008), fruto de uma ideologia dominante que ditava e sacramentava o paradigma de cultura a ser seguido e assimilado. Em contraponto Barbosa realça que muitas vezes, a observação histórica deixa em más condições o pressuposto de uma superioridade ou dominância de uma dada cultura oficial, lida assim pela classe dominante. (2002, p.28). Diante desses pressupostos, questiona-se a essência da identidade, sua legitimidade e seu lugar nos espaços sócio-políticos.

Logo, se a formação da identidade está ligada ao conjunto de valores morais nos quais nós sujeitos constituímos, julgamos e vivenciamos, é certamente na interação histórica de diversos grupos étnicos que a identidade irá se fortalecer e, é nesse entrelace cultural que cada povo, sociedade e pessoa irá desenhar seu espectro identitário e fortalecer a sua imagem social. Araújo aponta que *a identidade da pessoa humana se constrói a partir daquilo que lhe fornece uma concepção espiritual para poder decidir ou tomar posição perante questões como o que é bom, o que é válido, etc.* (ARAÚJO, 2006,p.87)

Essa decisão é eficaz porque traduz um movimento interno-externo ao apresentar imagens do universo real e comportamental do indivíduo, do seu sentimento, do seu modo de ver o mundo, a si e ao outro, ela dá forma a silhueta cultural que apresenta-se como identidade.

A construção da realidade tem como suporte a maneira como se enxerga e vivencia o cotidiano individual e socialmente, e inclui tudo aquilo que é perceptível, não apenas em sua materialidade física, mas também, em suas manifestações sensoriais, nas impressões, no pensamento e na imaginação. É o campo simbólico que fornece as indicações sobre o que é possível e o que não é, o que é certo, justo, bom, belo, desejável, e também tudo que for contrário disso. (MENDONÇA, 2008, p.42)

Apona-se, então, que o indivíduo conduz a sua formação identitária a partir das suas escolhas, suas ações, seus julgamentos e suas tomadas de decisões e interação entre os membros de um ou mais grupos sociais, na perspectiva de se posicionar politicamente como o “EU” e não como o “OUTRO”, assegurando a constituição do desenho da sua identidade como modelo singular.

## **2 CULTURA DOMINANTE, COLONIZAÇÃO E ESCRAVIZAÇÃO: SILENCIAMENTO DA IDENTIDADE NEGRA NAS AMÉRICAS.**

A cultura deriva-se de um mecanismo complexo e não-linear, criada por uma teia social dotada de múltiplos vínculos de realimentação por meio dos quais os valores, crenças, e regras de conduta são continuamente comunicados, modificados e preservados.

Nessa perspectiva podemos dialogar sobre a questão da colonização de nações que outrora oportunizou a produção de espaços territoriais a desenhar um modelo majoritário de poder e ascensão, porém nesse escopo cultural ficaram ausentes quaisquer rastros que denunciasses aspectos de uma cultura nativa ou de povos escravizados. Fortalecia-se, nesse âmbito, as margens sociais, espaço periférico, muitas vezes, da cultura popular. A Vislumbrar Schwart,

Entender as marcas simbólicas do poder político significa perceber como é possível descobrir intencionalidade na cultura política, mas também atentar para o fortalecimento de um imaginário nacional, que buscou raízes nos ditos populares e em certa maneira particular de entender a cor e a raça (2001, p.10)

A permanência de uma visão social hegemônica rendeu a contemporaneidade marcas de uma barbárie face à construção de uma identidade nacional, e essa simbologia, hoje, escreve o quanto de valor foi negado aos aspectos culturais mais íntimos da nação brasileira, aqui, em foco os da população negra.

Num palco histórico o processo de colonização das Américas sempre participou a “escravidão” como um modelo de aquisição de mão de obra, primeiramente com os índios e em segundo momento com os africanos. Com estes, os colonizadores, politicamente, agiam de maneira a impedir que mesmo diante do grande número de escravos negros trazidos para os diversos lugares da nação, houvesse um enfraquecimento das raízes culturais, ao alocar negros escravizados de diferentes tribos, com aspectos religiosos, culturais e principalmente linguísticos distintos, o que fatalmente anulava qualquer representação da cultura africana. Câmara comenta:

A diversidade linguística e cultural dos contingentes negros introduzidos no Brasil, somada as hostilidades recíprocas que eles traziam da África, e mais a política de evitar a concentração de escravos oriundos da mesma etnia nas mesmas propriedades e até nos navios negreiros impediram a formação de núcleos solidários que retivessem o patrimônio cultural africano. (2009, p.43)

Essa prática maliciosa da classe dominante traria aniquilação dos traços que diretamente fomentariam a criação de uma identidade cultural dos novos povos vindos da África, de modo político, esses povos foram forçados a assimilarem de maneira passiva a atmosfera cultural da nova sociedade, aprendendo a sua língua como modelo de comunicação, suas crenças religiosas e hábitos culturais, esquecendo ou adormecendo a sua herança cultural africana.

### 3 NEGRITUDE – POLÍTICA E ESTÉTICA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Ao longo do tempo, o estado de anulação cultural, estabelecido pela classe dominante aos negros, provocou inquietações em diversas áreas sociais cuja sociedade negra era principiantemente ativa, a destacar o campo da cultura-artística, e em especial a literatura que foi espaço para as primeiras manifestações do movimento da negritude.

Nos Estados Unidos a gênese do movimento nasce na década de 50 do século XIX, pelo escritor negro William Wells Brown e No Brasil o movimento nasceu a partir da publicação do texto de Luiz Gonzaga Pinto da Gama, poeta, jornalista, escritor e abolicionista, nascido em Salvador – Bahia, cujo poema intitulado a “boditude” que é oriundo do termo ‘bode’ como assim eram tratados os negros pelos brancos e, é nessa representação que o autor apresenta uma generalização do termo, de uma maneira alegórica, brinca com a acepção da palavra e a estende a outras raças, insinuando que na nação seria ignorância considerar-se pertencente apenas a um grupo étnico e aponta nessa premissa a sustentação da sua representação social. A vislumbra Gama:

Bodes há de toda a casta,  
Pois que a espécie é muito vasta...  
Há cinzentos, há rajados,  
Baios, pampas e malhados,  
Bodes negros, *bodes brancos*,  
E, sejamos todos francos  
(1861, p.57)

Nesse desenho literário podemos perceber que num momento pré-abolicionista, meados do século XIX, já existia uma necessidade de apontar a partir do recorte do poema cenas de inquietação diante do cenário de inferioridade ao qual o negro era projetado.

A linguagem distintiva da identidade aparece novamente quando as pessoas buscam calcular como o pertencimento tácito a um grupo ou uma comunidade pode ser transformado em estilos mais ativos de solidariedade, quando elas debatem sobre o lugar em que se devem constituir as fronteiras em torno de um grupo e como devem ser impostas – se de fato forem necessárias. A identidade se torna uma questão de poder a autoridade quando um grupo procura realizar a si próprio de uma forma política. (GILROY, 2007, p.125)

Nesse recorte emblemático, a linha comunicacional entre os aspectos políticos sociais, a antropologia cultural e a literatura denota um cenário que comporta as estruturas sociais ou regras de comportamento que delimitam as ações dos indivíduos e que são produzidas e continuamente reforçadas pela própria rede de comunicações deles. Essas expressões culturais estão em pleno estado de metamorfose, e surgem com o intuito de explicar e também de questionar a realidade, deixando assim suas marcas na formatação histórica de um povo.

“NEGRITUDE”, léxico oriundo de um movimento francês na década de 30, no qual a palavra foi pela primeira vez empregada no intento de desconstruir a marca pejorativa que por séculos pairou sobre a palavra “Negro”, o poeta Aimé Césaire utilizou um jogo linguístico para apresentar o termo de maneira a brincar com a sua aceção popular e atribuir a palavra um sentido denotativo forte e identitário.

Consoante ao valor da palavra estava a intenção do movimento que abria espaço para um reparo secular, no qual, a identidade negra se perdeu, em meio, a imposição de uma cultura europeia instalada nos países colonizados, que de maneira brusca, desculturalizou o povo e instituiu marcas estrangeiras, apontando para uma aculturação da sociedade em espaço de colonização.

Esse desenho político que o movimento da “NEGRITUDE” carrega aponta que no processo de formatação ou de entendimento da identidade é mister entender o espaço identitário como conjunto de características que vão além das instâncias primárias, o aspecto biológico, histórico, cultural, social etc, é necessário perceber o todo, perceber a si sem a presença da negação do outro, tem um caráter reflexivo pois dialoga com a dinâmica com os indivíduos “eu e o “outro” num movimento interno-externo-interno. Fanon explica,

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, afim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. (2008, p. 180)

Logo, ao cenário da construção da identidade é considerável postular o espaço individual como consciência de si e o espaço coletivo como consciência do outro, numa visão de completude e de pertencimento, sem se desvincular da marca que nos torna semelhantes que é a alteridade.

#### **4 LITERATURA NEGRA : DISCURSOS DA NEGRITUDE NAS VOZES POÉTICAS DE LANGSTON HUGHES E OSWALDO DE CAMARGO**

Na literatura documental a hegemonia identitária dos colonizadores sempre incitaram de maneira maciça a ausência da outro, o habitante natural ou o imigrante escravizado, esse movimento de construção ideológica traduziu um esvaziamento, ao longo da história dos países colonizados, de alicerces culturais genuinamente nacionais, implicando a negação do índio, do negro, da cultura outra, do não cristianismo entre outros movimentos étnicos - culturais que não representassem a esfera cultural dos colonizadores.

Esse desenho etnocêntrico de cunho europeu objetivava atribuir aos povos recém-descobertos e/ou dominados uma construção de uma identidade balizada nos aspectos dos colonizadores, preconizando uma ideia de que o estranho é o que tem valor, inviabilizando a ostentação do que é subjetivo por natureza.

Os textos inaugurais sobre as Américas, escritos pelos descobridores e mais tarde pelos primeiros viajantes e colonizadores, têm uma característica comum: negar uma identidade aos autóctones, insistindo na negatividade, na carência e cunhado, de certa forma, uma matriz identitária marcada pela falta e pela privação. (BERND, 2003, p.22)

Nesse espaço de negação, as literaturas consideradas marginalizadas não aceitam essa classificação periférica ou marginal, elas pautam no papel de literatura emergente, assim podemos, atribuir a elas, o recorte de uma elaboração da consciência nacional, que busca preencher as lacunas da memória coletiva e a essencialização do sentimento de identidade como traço da autonomia.

Nesse aspecto a voz singular é substituída por uma voz coletiva que objetiva a instituição de um espaço que por muito fora negado, surge nessa perspectiva, um movimento literário que se contrapõe a marca hegemônica das literaturas ditas clássicas e aceitas pela elite como consubstancia da cultura historicamente impressa na sociedade.

[...] as literaturas de grupos discriminados – negros, mulheres, homossexuais – funcionam como o elemento que vem preencher os vazios da memória coletiva e fornecer os pontos de ancoramento do sentimento de identidade, essencial ao ato de auto-afirmação das comunidades ameaçadas pelo rolo compressor da assimilação. (BERND, 2003, p.15)

As literaturas de negritude surgiram na África e no Caribe em meio aos anos 30, e em igual tempo nascem também as manifestações literárias negras brasileiras e americanas que tem sua origem na experimentação de trazer à tona diálogos entornados nas questões da memória coletiva que por muito foram negligenciadas pela voz uníssona da historiografia oficial.

A poesia que se inspira na tomada de consciência da negritude está duplamente vinculada à questão da identidade: ela de origina da consciência de sua perda e se desenvolve na busca de sua reconstrução. O essencial destas literaturas é precisamente sua força de resgatar as formas onde subsistem as culturas de resistência, matéria- prima para a identidade cultural. (BERND, 2003,p.16)

Se nos Estados Unidos a migração dos negros para a cidade criou um novo movimento social, em semelhante perspectiva, o Brasil sustentava essa condição com a criação dessa nova classe trabalhadora, a industrializada que projetaria um cenário social em diálogos com as várias etnias presentes. Nesse aspecto a voz singular é substituída por uma voz coletiva que objetiva a instituição de um espaço que por muito fora negado, surge nessa perspectiva, um movimento literário que se contrapõe a marca hegemônica das literaturas ditas clássicas e aceitas pela elite como consubstancia da cultura historicamente impressa na sociedade.

Apresenta-se, então, um diálogo entre o movimento da negritude e as artes literárias, a pontuar os poetas:

1.O Brasileiro OSWALDO DE CAMARGO, escritor negro nascido em São Paulo, jornalista do Jornal 'A tarde de São Paulo', poeta, crítico literário em Literatura Negra, grande contribuinte nas manifestações da cultura negra que vão desde a participação na Associação Cultural do Negro a produções que direcionam a essência da cultura negra, os espectros da literatura de autoria negra e sua base de composição, além da sua própria produção literária.

2.O afro-americano LANGSTON HUGHES, nascido no início do século XX, além de poeta foi novelista, dramaturgo, contista e colunista de um jornal americano, é considerado um dos mais

célebres autores negros porque produzia literatura negra como marca da expressão de uma subjetividade poética que imprimia a marca cultural étnica sem apresentá-la, estilisticamente e literariamente, de maneira minoritária, favorecendo uma crítica positiva a sua escrita e fortalecendo o movimento da literatura negra nos Estados Unidos nas primeiras décadas do século XIX.

Esse olhar a perspectiva de produção literária dos referidos autores sugere a NEGRITUDE, termo usado pelo o poeta Aimé Césaire para atribuir a palavra negro um sentido denotativo forte e identitário, como recorte crítico e analítico dos discursos poéticos em questão. A vislumbrar a análise do poema “*Democracy*” (HUGHES, 2004, p. 11)

**Democracy**  
Democracy will not come  
Today, this year  
Nor ever  
Through compromise and fear.<sup>1</sup>

O poema em destaque traz como título a palavra “*Democracy*”, já incitando uma provocação política, um chamamento ao espaço da igualdade de direitos e da rejeição a subserviência. Na primeira estrofe o autor aponta seu sentimento em relação a democracia, evidencia o quanto parece distante ao seu espaço social, uma vestimenta democrática, justificada pelo empenho em buscá-la e ao mesmo tempo receio de ser mal entendido ou repreendido. Barbosa aponta que, “o elemento traumático da cultura dominante busca extensamente infantilizar eventuais manifestações do outro que tenham grande aceitação social, com o intento de ridicularizá-lo e bloquear sua difusão.” (2002, p.32)

I have as much right  
As the other fellow has  
To stand  
On my two feet  
And own the land<sup>2</sup>.

No Segundo momento, Hughes mostra um eu-lírico que sabe do seu direito civil, que entende a relação de igualdade que deve ser assumido entre os semelhantes, a desenhar uma conduta identitária de busca por uma afirmação social e econômica a fazer referência a “*on my two feet*” reafirmando a sua independência e “*and own the land*” evidenciar a sua busca por um território de identidade próprio. Araújo discorre:

O indivíduo, ao dirigir a sua vida para uma determinada direção formula a sua identidade. A história em andamento do indivíduo é, portanto, a formulação da identidade, que dá sentido ao que está sendo. [...] ao se lançar para o futuro, o indivíduo busca realizar o sentido da sua própria existência como identidade. (2006, p.94)

Essa busca é marca em todo o discurso poético, ao lançar a necessidade de se ter uma resposta imediata, não há mais tempo de espera.

I tire so of hearing people say,  
Let things take their course.  
Tomorrow is another day.  
I do not need my freedom when I'm dead.

<sup>1</sup> Democracia não virá/ Hoje, este ano/ Nunca/ Apesar do compromisso e do medo

<sup>2</sup> Eu tenho tanto direito/ Quanto o meu companheiro/ De me erguer/ Com meus dois pés/ E minha própria terra.

I cannot live on tomorrow's bread.<sup>3</sup>

O poeta provoca o receptor a entender que o percurso natural, ou dito como natural, desse processo de democracia, não vincula-se a necessidade da comunidade no qual ele faz parte, “*I tired so of hearing people say / Let things take their course / Tomorrow is another*”, logo ele redimensiona a sua voz à necessidade de que essa liberdade venha numa brevidade que oportunize a sua vivência social, “*I do not need my freedom when I'm dead/I cannot live on tomorrow's bread.*” que fomente o seu espaço de atividade na sociedade, do hoje, e não apenas como uma ferramenta utópica,

Freedom  
Is a strong seed  
Planted  
In a great need.<sup>4</sup>

O eu-lírico marca o sentimento de liberdade como necessidade grandiosa que deve ser enraizada na vida das pessoas, algo vital à sociedade “*Freedom / Is a Strong seed / Planted / In a great need*”. As palavras utilizadas pelo autor isoladamente no primeiro e terceiro verso marcam a necessidade de uma cultura que privilegie a construção de uma liberdade social que supra a lacuna, historicamente construída em torno da atividade política e social do negro, e que mais do que isso, cresça fortemente para as gerações futuras.

I live here, too.  
I want freedom  
Just as you<sup>5</sup>

E soa por final a sua identidade ao apontar que “*I live here too/I want freedom/Just as you*” enfatizando que ele também é americano, ali é sua terra, e é seu direito ser livre, assim como os outros, os da classe dominante.

Em consonância ao discurso apresentado por Hughes, O poema “*Escolha*” (1984: P.32) de Oswaldo de Camargo também evoca uma liberdade, apontando o quanto é difícil esse desenho da identidade diante de uma sociedade predominantemente considerada não negra.

#### **Escolha**

Eu tenho a alma voando  
No encaço de uma ave cega:  
Se escolho rumo do escuro  
Me apoio à sombra do muro  
Pousado na minha testa.  
Se elejo o rumo da alvura  
Falseio os passos da vida  
E me descubro gritando  
Um grito que não é meu.  
Que faço das mãos cobertas  
De um sol doído só de África?

<sup>3</sup> Estou cansado de ouvir as pessoas dizerem/ Amanhã é um novo dia/Eu não preciso de minha liberdade quanto estiver morto/ Eu não posso viver pelo alimento do amanhã.

<sup>4</sup> Liberdade/É uma forte semente/ Plantada/ Em uma grande necessidade

<sup>5</sup> Eu moro aqui também/ Eu quero liberdade / Apenas como você

E do tantã nestas veias,  
Turbando o ritmo ao sangue?

A principiar pelo título, o poeta, já se mostra indeciso sobre o seu grito de identidade, a palavra escolha sugere alternativas, lados, culturas, o que seguir? o que ser? Nessas interrogações o eu-lírico aponta o quanto perdido se encontra, o homem negro, sem saber a que cultura é pertencente agora, afugentado pela possibilidade de escolher o que se assemelha e ser julgado pela inferioridade a que lhe conferiram na sociedade ou optar por um mascaramento cultural e dentro dele não se entender, não se perceber.

A crise da identidade dos indivíduos traz à tona a necessidade de se discutir a construção da identidade como modo de agir. Assim, a pergunta pelo “Quem?”, enquanto procura pela identidade, é o que permite aos indivíduos terem uma orientação básica em suas decisões e escolhas. Ninguém toma uma decisão sem qualquer distinção qualitativa que esteja situada em uma configuração moral. (ARAÚJO, 2006, p.89)

Em consonância, o poeta, ainda na primeira estrofe, faz indagações sobre a impossibilidade de esconder suas reais origens, sua cor, seu ritmo, sua ancestralidade, marcando o seu discurso com o desenho de uma voz da Negritude.

Na face o dia não pausa  
E o seu cesto de alegria  
E a amanhã precipita  
Ventos e noites amargas

Como fechamento, o poeta desenha um sentimento de pessimismo diante de tantas impossibilidades identitárias, aponta que ainda, recai sobre ele a dúvida de como o seu futuro é paradoxal, de que a impossibilidade de ser “EU-NEGRO” paira sobre o cenário vindouro.

A poesia de Oswaldo de Camargo reflete a crise do poeta que toma consciência de seu hibridismo cultural: de um lado, suas raízes africanas e os elementos culturais ligados a esta ancestralidade pulsam dentro dele, lembrando- de sua origem e do outro, o apelo cultural do mundo branco e dos valores morais do ocidente não deixam de exercer um enorme fascínio. (BERND, 1992, p.64)

Oswaldo de Camargo ecoa um discurso centrado na condição de um ser negro liberto de marcas culturais limitativas, recheado de aspectos de cultura diversos, e mergulhado num mundo que reflete a condição pluriétnica das Américas, porém, mesmo diante desse hibridismo cultural, as marcas da negritude se fazem presentes como ferramenta de um discurso pró identidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos da literatura negra apontam para um olhar artístico, cultural e porque não dizer científico, a perceber que este movimento abre espaço para um reparo secular, no qual, a identidade negra se perdeu, em meio, a imposição de uma cultura européia instalada nos países colonizados, que de maneira brusca, silenciou a cultura de um povo e instituiu marcas estrangeiras, apontando para uma aculturação da sociedade em espaço de colonização.

Esse espaço negado evidenciava uma abominação cometida pela classe dominante a negar a presença da raça brasileira na literatura, de maneira “Essencial”, essa presença limitou-se a muito tempo apenas como figurantes de um retrato histórico “inferior”. Nesse cenário o movimento de Negritude, originalmente e oficialmente surgido na França e expandido por todo o ocidente, apontava elementos políticos nos discursos

e nas representações artísticas de modo a desenhar uma identidade negra como imagem de igualdade intelectual e social.

Em recorte o presente trabalho versou sobre Langston Hughes, pela genuidade de sua poesia nos Estados Unidos, e sobre Oswaldo de Camargo, por apresentar um discurso recheado de hibridismos culturais o que marca a formação do Brasil, no entanto, o marco dessas análises se deu pelos discursos poéticos de ambos os autores, que evidenciam a raça negra politicamente ativa, intelectualmente reflexiva e socialmente igualitária, marcando fortemente a presença e a influência do movimento da Negritude.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Paulo Roberto M de. **Identidades contemporâneas: criação, educação e política**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2006.
- BARBOSA, Wilson do Nascimento. **Cultura Negra e dominação**. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 2002.
- BERND, Zilá. **Literatura e Identidade Nacional**. Editora da UFRGS, 2 ed.. 2003.
- BERND, Zilá. **Poesia Negra Brasileira: antologia**. Porto Alegre : AGE Editora, 1992.
- CÂMARA, Nelson. **Escravidão nunca mais: um tributo a Luiz Gama**. São Paulo : Lettera.doc, 2009.
- CAMARGO, Oswaldo de. **O Estranho**. São Paulo: Roswitha Kempf Editores, 1984.
- CHEVALIER, Jean. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GILROY, Paul. **Entre campos: nações, cultura e fascínio da raça**. Trad. Célia Maria Marinho de Azevedo et Al, São Paulo : Annablume, 2007.
- HUGHES, Langston. **Langston Hughes – poems**. Poemhunter.com. 2004. Disponível em: <[http://www.poemhunter.com/i/ebooks/pdf/langston\\_hughes\\_2004\\_9.pdf](http://www.poemhunter.com/i/ebooks/pdf/langston_hughes_2004_9.pdf)> Acessado em: 25/06/2011 às 17:00.
- MENDONÇA, Maria Luiza Martins de. Identidade e Sedução: representação do homem negro na revista Raça Brasil. In: **Representações do masculino** : mídia, literatura e sociedade. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008, p 39-53
- SCHWART, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001.